Episódio 13: “Qualidade do ensino e da investigação em Ciências da Comunicação”

[mix de ruídos introdutórios]

Luís Pinto [apresentador]: Estados do Tempo. Porque a qualidade do ensino e da investigação em Ciências da Comunicação é um bem de primeira necessidade.

[música]

Olá, sejam bem-vindos ao Estados do Tempo, um podcast do BIP e do Communitas. Neste décimo terceiro episódio, damos voz a três convidados que representam três gerações de investigadores. Falamos sobre o ensino e a investigação em Ciências da Comunicação, agora que se assinalam 25 anos do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade.
Por se tratar de um episódio especial, ele será dirigido pela diretora do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Madalena Oliveira.

Madalena Oliveira [moderadora]: Financiamento é um tema sensível, o imperativo de publicação, a necessidade de se internacionalizar, parecem muitas condições para se iniciar uma carreira de investigação.

Luís Pinto: A primeira convidada é Cristina Ponte.

Cristina Ponte [convidada]: Eu acho que o nosso desafio talvez seja conseguirmos, de uma forma acessível a um público não académico, mostrar a importância de pensar os fenómenos contemporâneos, de um ponto de vista da comunicação, mas de uma forma que seja acessível, como eu disse, a públicos não académicos.

Luís Pinto: Também Pedro Jerónimo se junta à conversa.

Pedro Jerónimo [convidado]: Tendo presente as oportunidades e os constrangimentos, reforço esta ideia que tem sido, se calhar, mais os constrangimentos do que as oportunidades, sendo que estamos muito batidos nesta ideia de resiliência... acho que a comunidade científica das Ciências da Comunicação em Portugal tem tido a capacidade de se adaptar e de se reinventar.

Luís Pinto: A concluir este painel, Marisa Mourão.

Marisa Mourão [convidada]: Nós temos de considerar que, efetivamente, nós estamos numa fase em que a precariedade em si é uma realidade, na investigação e na carreira docente. Portanto, é tudo menos romântica. Há aqui uma acumulação crescente de tarefas, quer seja jovem investigador ou sénior, que é constante, portanto, as condições não são, efetivamente, as mais favoráveis, mas acho que é aqui uma questão de resiliência, de facto.

Luís Pinto: Madalena Oliveira é professora associada do Departamento de Ciências da Comunicação, na Universidade do Minho, e ensina regularmente semiótica, comunicação e linguagens, jornalismo e jornalismo e som. Desenvolve investigação sobre cultura sonora e estudos de rádio. É membro integrado do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, uma unidade de investigação de que é diretora desde abril de 2022. É também diretora da revista Comunicação e Sociedade.
Cristina Ponte é uma figura de destaque na área dos estudos dos meios de comunicação e do jornalismo, tendo obtido doutoramento em Ciências da Comunicação em 2002. É professora catedrática na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, da Universidade Nova de Lisboa, desde 2019. Tem participado em vários projetos do programa Horizonte 2020 da União Europeia, incluindo o projeto *Wise Skills*, e coordenou a equipa portuguesa na rede EU Kids Online. É autora ou editora de 15 livros e tem mais de 40 artigos sujeitos a revisão por pares, publicados em revistas internacionais e nacionais. Orientou ainda 20 teses de doutoramento e participou em vários projetos da ação COST, centrados na transformação das audiências e na integração social.

Pedro Jerónimo é investigador assistente no LabCom, o Laboratório de Comunicação da Universidade da Beira Interior. É doutorado em Informação e Comunicação em Plataformas Digitais, com uma tese pioneira sobre a produção de notícias online em redações locais. É investigador principal do WeTrust.local, o Observatório de Desinformação Política da Extrema Direita, financiado pelo programa UBI-CGD, e desempenhou idêntica função no MediaTrust.lab, o Laboratório de Comunicação Social Local para a Confiança Cívica e a Literacia, financiado pela FCT. É editor, revisor e integra o Conselho Editorial de Revistas Académicas Nacionais e Internacionais, indexadas nas principais bases, incluindo Digital Journalism e Journalism Practice. E é assessor da Rede Europeia de Normas de Verificação de Factos. É co-presidente do Grupo de Trabalho de Análise da Produção Mediática da IAMCR e fundou e coordenou o Grupo de Trabalho de Meios de Comunicação Locais e Comunitários da Sopcom. Iniciou a sua carreira profissional no jornalismo local.

Finalmente, Marisa Mourão, é doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade do Minho e professora auxiliar convidada na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Investigadora integrada no Centro de Investigação em Comunicação Aplicada, Cultura e Novas Tecnologias, o CICANT, coordenadora adjunta do Grupo de Trabalho de Comunicação e Educação da Sopcom e *vice-chair* da Children, Youth and Media Section da ECREA. Foi coordenadora do Grupo de Trabalho de Jovens Investigadores da Sopcom e diretora da revista Comunicando entre 2024 e 2026. Os seus principais interesses de investigação incidem sobre os média e a cidadania, particularmente a educação para os média e literacia mediática e crianças e média.

Madalena Oliveira: Quando em 2001 se fundou o Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, as Ciências da Comunicação eram ainda um campo relativamente recente em Portugal. Hoje, esta área está plenamente consolidada nas universidades, tanto em termos de formação de estudantes e de jovens investigadores, como em termos de trabalho científico sobre fenómenos centrais da vida social que ajudam a compreender um mundo cada vez mais mediado pela comunicação.

Nesta edição do podcast Estados do Tempo, tomamos o pretexto de 25 anos de atividade do CECS para refletir sobre a trajetória das Ciências da Comunicação, as

oportunidades e os desafios desta área, o papel dos centros de investigação e o impacto das políticas científicas no desenvolvimento dos estudos de comunicação.

Com Cristina Ponte, Pedro Jerónimo e Marisa Mourão, três académicos que representam, de algum modo, três gerações de professores e investigadores, vamos analisar, em diálogo, os Estados do Tempo que têm as Ciências da Comunicação na academia portuguesa.

Bem-vindos, Cristina, Pedro e Marisa. Apesar de as Ciências da Comunicação terem um percurso um pouco mais curto em Portugal do que noutras geografias, como o Brasil, por exemplo, pode dizer-se que a área cresceu muito e de forma relativamente rápida. Temos hoje várias centenas de investigadores doutorados e uma atividade intensa do ponto de vista da produção científica. Na sua perspetiva, Cristina Ponte, o que é que favoreceu esta evolução? O que é que, na sua experiência, que é a mais longa dos três convidados, contribuiu para o desenvolvimento deste campo nas universidades portuguesas?

Cristina Ponte: Bom dia, Madalena. Bom dia aos colegas, à Marisa e ao Pedro. E obrigada por este convite e parabéns pelos 25 anos do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade.

Bom, há muitos fatores. Eu diria que o principal para um *boom* no número de doutorados, e eu estava ontem a rever uns números que tinha já antigos, só na Universidade Nova, no nosso doutoramento em Ciências da Comunicação, até 2018, já tínhamos mais de 100 doutorados, portanto, desde o início, o primeiro doutoramento foi em 2000, que acompanha estes 18 anos que tivemos deste *boom*. Mas eu diria que... talvez o principal fator tenha sido a própria alteração no regulamento da carreira docente, que exige que os docentes de cursos de comunicação, e de outros cursos, tenham a necessidade de ser portadores de doutoramento, não é? Nós tivemos muita procura por parte de pessoas que tinham necessidade nessa área, nomeadamente de institutos politécnicos, que tinham sido estudantes na Nova, na sua licenciatura, até alguns tinham realizado o mestrado e que foram fazer o seu doutoramento precisamente por essa necessidade. Portanto, eu identificaria aí este fator. As condições de acesso à carreira docente modificaram-se, o doutoramento passou a ser uma exigência e isto tornou obrigatório a consideração desse grau. Depois, também... Há uns

anos, há 30 anos quase, quando eu fiz um estudo com o professor Mário Mesquita sobre os cursos de jornalismo, nós identificámos o milagre da expansão dos cursos de jornalismo e de comunicação a partir do início dos anos 90, a finais dos anos 80. E esses cursos, não só no setor público, mas também privados, precisavam de ter docentes, não é? Nomeadamente. E isto também levou a que, em articulação com aquilo que referi anteriormente, a necessidade de muitos institutos privados, nomeadamente, considerarem áreas novas da comunicação como marketing, relações públicas, publicidade, os audiovisuais, o multimédia. Portanto, a abertura de muitos cursos nesta área também obrigava a que os docentes contratados, preferencialmente, tivessem doutoramentos em Ciências da Comunicação, que é um domínio muito... É um chapéu de chuva, não é? É um domínio muito abrangente. Nós consideramos, penso que estamos todos de acordo, que há uma base, digamos, teórica das Ciências da Comunicação que atravessa várias áreas de especialização, mas depois essas áreas de especialização também têm as suas particularidades. E, por outro lado, só... Pronto. Há sempre muito mais fatores. Também me estou a lembrar de um número significativo de profissionais de jornalismo que foram fazer doutoramentos em comunicação já no final da sua carreira.

Portanto, é difícil identificar só um fator, mas eu diria que o principal talvez tenha sido a questão da obrigatoriedade do grau para a situação profissional. Também um aspeto curioso foi como, nomeadamente, nos institutos politécnicos, a associação a áreas que tinham sido importantes em termos de captação de alunos, como a educação, e que, ao perderem essa procura por parte de alunos, se viraram também para dimensões da comunicação, como a comunicação sociocultural, animação cultural. Portanto, eu diria que são muitos fatores, mas, talvez, como disse, o que eu destacaria mais foi a própria transformação do sistema de ensino universitário, do sistema de ensino superior, que tornou a imposição de um grau de doutoramento muito obrigatório, não é, como disse. Não sei, e acho que era interessante, eventualmente, arranjar... fazer um inquérito a todos os que se doutoraram em Ciências da Comunicação e ver onde é que eles andam, quantos é que estão fora das universidades. Não tenho ideia, não vou avançar, mas a minha sensação é que será uma minoria.

Madalena Oliveira: A Cristina fala, essencialmente, de fatores que são até estruturantes do próprio sistema universitário, inclusive apresentando-nos as razões que justificam que tantos investigadores tenham procurado fazer doutoramento. Em todo o caso, haverá também outros fatores, que têm a ver com a própria transformação do objeto de estudo, num percurso que nos levou dos meios tradicionais, de comunicação, à internet, às redes sociais, às plataformas digitais e, agora, mesmo à inteligência artificial. É também essa a sua percepção, Pedro Jerónimo, de que a própria celeridade com que se transformou o objeto de estudo favoreceu também alguma intensificação dos estudos de comunicação?

Pedro Jerónimo: Olá! Queria começar por saudar também as colegas de painel e, também, parabenizar-vos pelos 25 anos do CECS.

Sim. Claramente, a questão tecnológica acaba por estar sempre presente. Recordo-me, sobretudo, pensando um bocadinho a partir da minha trajetória na academia, na investigação, que tem estudado, sobretudo, esta interseção da tecnologia com o jornalismo em concreto, dentro das Ciências da Comunicação. E, de facto, nós percebemos que o elemento tecnológico, sempre que surge algo novo ou que se transforma no ponto de vista tecnológico, há sempre... faz crescer o interesse da investigação, não só na área das Ciências da Comunicação, mas eu sublinharia aqui, também, a importância das Ciências da Comunicação a olhar para isso.

Temos agora o caso, como foi referido, da inteligência artificial, que sabemos que não é algo novo, mas que tem estado, tem-se democratizado, tem-se expandido muito rapidamente e que tem suscitado o interesse sobretudo mais das Ciências da Computação, mas também à própria Ciência da Comunicação importa olhar para isso porque estamos a falar de uma tecnologia que, dentro das diferentes áreas, ou sobre áreas das Ciências da Comunicação... acaba por afetar o cinema, a publicidade, o jornalismo e todas as outras áreas que constituem as Ciências da Comunicação. Portanto, eu reforçaria aqui um ponto: o elemento tecnológico é importante e talvez essas transformações, voltando novamente a este caso que se sente a inteligência artificial, pode muitas vezes colocar à margem, pensando a inteligência artificial, a tecnologia, como um objeto de estudo, que fez... concordo, fez acelerar todo este interesse de investigação, por vezes, pode-se colocar, ou ter esta tendência de colocar

à margem, as Ciências da Comunicação como áreas que, se calhar, estariam na linha da frente para estudar este fenómeno. Obviamente que sou suspeito para dizer isso, mas eu discordo, até porque estamos a falar da importância de olhar, também como foi introduzido, do papel das Ciências da Comunicação na questão da mediação e, sobretudo... estou aqui a pensar até numa área concreta, também em crescimento dentro das Ciências da Comunicação nos últimos anos, que tem a ver com a questão da literacia mediática, também acrescentando a literacia digital. E pensando, por exemplo, num caso ainda mais concreto e mais recente da vida social no nosso país, e falo isto, se calhar, por ter dois filhos menores, pela questão, por exemplo, da proibição da utilização de telemóveis, mais concretamente de *smartphones*, nas escolas. Ora, não é só uma questão tecnológica, embora, aqui, o centro seja a tecnologia, mas, sobretudo, a importância de refletir e de investigar para poder também, depois, de uma forma fundamentada... poder desenvolver políticas públicas que nos ajudem na nossa sociedade a perceber a melhor forma de lidar com isto. Primeiro, o olhar crítico e a utilização crítica deste tipo de dispositivos por parte deste tipo de pessoas, com este contexto, com esta idade, e das consequências que, aí está, naturalmente podem e entram outras áreas científicas, Psicologia e não só. Mas a parte da... Pensando nas Ciências de Comunicação, eu penso que trazem um contributo muito importante. Se quiserem resumidamente esta intervenção, a tecnologia ajudou a acelerar, e há de facto um deslumbre sempre que algo novo surge, e, por isso mesmo, as ciências de comunicação fazem todo sentido... também elas olharem para essas transformações e deixarem o seu contributo, porque só assim poderemos ter uma sociedade mais informada e consciente, também dos impactos que estas tecnologias vão tendo, que nós não conseguimos, por vezes, antecipar, mas é também neste estudo contínuo que conseguimos, depois, compreender melhor e procurar, pelo menos, ser uma sociedade melhor.

Madalena Oliveira: Pelo que nos diz o Pedro, é uma área de saber, de facto, complexa e muito ampla, mas, pelo menos, os mais velhos nesta atividade, nesta área, sempre se queixaram, de algum modo, da dificuldade de reconhecimento público das Ciências da Comunicação, até comparativamente com outras ciências.

Marisa, na sua experiência mais recente dos nossos três convidados, ainda se luta por afirmar a relevância das Ciências da Comunicação no quadro da sociedade atual?

Marisa Mourão: Olá a todos e a todas. Eu começo, naturalmente, por felicitar também o CECS e todos aqueles que contribuíram para o seu percurso, e por agradecer o convite para estar aqui hoje convosco, e por saudar os colegas de mesa, naturalmente.

Eu acho que as Ciências da Comunicação sempre sofreram desse mal, que é não serem suficientemente reconhecidas num quadro daquilo que também é o reconhecimento das Ciências Sociais e Humanas, não é? Não é algo único daquilo que são as Ciências da Comunicação.

Eu diria que, hoje em dia, as Ciências da Comunicação continuam por ser reconhecidas, mas eu creio que isso não é um problema único no sentido do reconhecimento institucional. Acho que poderá ser também uma questão de falta de reconhecimento, talvez, público e que, em certa medida, poderá ser uma culpa, de certo modo, nossa, mas também daquilo que são as políticas públicas de ciência, não é? Porque, na verdade, a ciência não se mede apenas por aquilo que nós publicamos, mas também por aquilo que nós fazemos pela comunidade. Portanto, este reconhecimento público também terá de partir, ou dependerá, em certa medida, daquilo que nós possamos fazer em prol das comunidades que nos rodeiam. Nessa medida, eu diria que temos aqui dois problemas. A falta de reconhecimento tradicional no quadro daquilo que são as Ciências Sociais e Humanas, face àquilo que são as Ciências Exatas num quadro da academia e, simultaneamente, esta falta de reconhecimento do público, do que, efetivamente, as Ciências da Comunicação podem fazer pela comunidade.

Claro que nós podemos considerar que, cada vez mais, e o Pedro estava a falar de algumas questões que estão na agenda pública e, portanto, mostram, de certo modo, o reconhecimento daquilo que as Ciências da Comunicação podem trazer para a comunidade, mas, efetivamente, a comunidade científica terá que contribuir de modo a que o público em si reconheça. Acho que a questão não é só se temos reconhecimento face a outras ciências no quadro da academia, acho que, cada vez mais, temos que colocar a questão no sentido de perceber se, efetivamente, há um reconhecimento público, há um reconhecimento da comunidade, da necessidade das Ciências da Comunicação para o desenvolvimento dessas mesmas comunidades.

Madalena Oliveira: Pedro, este reconhecimento pode estar mais suscetível às modas, àquilo que são, também, as preocupações de cada momento?

Pedro Jerónimo: Sim, eu estava a escutar a Marisa e, revendo o que eu referi há pouco, tínhamos a questão da inteligência artificial, mas estou a recordar-me de algo que tem estado, cada vez mais, e de uma forma mais intensa no nosso país... No quadro internacional, há muito mais que isso, mas intensificou-se, sobretudo, desde 2019, quando tivemos a entrada de um novo partido na Assembleia da República, e algo que tem marcado muito a sua trajetória do ponto de vista de comunicação, de informação e, sobretudo, desinformação. Sabemos que a desinformação é algo... que é um fenómeno também que não é recente, que sempre existiu, mas, desde a primeira eleição de Trump, em 2016, temos visto um crescendo de, não só, e também acompanhado pela questão da evolução tecnológica... E, se cruzamos aqui estas duas dimensões, ou estas duas realidades, da desinformação por um lado e da inteligência artificial por outro, estamos a falar de um nível de sofisticação, de edição, de manipulação de informação, que podem levar a consequências graves. Estou a pensar, também, dentro ainda do contexto da desinformação, a primeira não foi muito massificada, mas foi assinalável, por parte recordo-me dos colegas do ISCTE, que estudaram isto no contexto da pandemia… da primeira vez, de uma forma, mais ou menos, massificada, se existiu em Portugal, é um fenómeno de *deepfakes*, quando andavam a circular por grupos de WhatsApp - embora em Portugal não seja tão intensivo como noutros países, como o Brasil e os Estados Unidos, por exemplo - , de circulação de áudios no WhatsApp, no fundo, a circular alguma desinformação. Como verificar? Portanto, temos aqui… não são necessariamente modas, porque estes dois exemplos que falámos, inteligência artificial por um lado, desinformação por outro, não são novidades, mas, também, muito potenciado pelo crescimento e desenvolvimento tecnológico, tem feito crescer, não só a produção, a quantidade de informação e de conteúdos que circulam e, claro, paralelamente, as Ciência da Comunicação não se tem imiscuído, naturalmente, de acompanhar estes fenómenos e de os estudar, a partir de, no fundo, das implicações que isso tem nas diferentes áreas, como falei, jornalismo, publicidade, as diferentes áreas.

Madalena Oliveira: Pela complexidade do objeto de estudo ou pela sua transversalidade às várias dimensões da vida, as Ciências da Comunicação são, por definição, ciências de cruzamento, são ciências plurais, talvez mais do que a sociologia, ou certamente mais do que a sociologia, ou a psicologia, ou a filosofia, a matemática, enfim. São ciências que convivem com outros saberes, com outras disciplinas.
Cristina, a transdisciplinaridade ou interdisciplinaridade é uma oportunidade ou é um constrangimento para a afirmação da identidade da área?

Cristina Ponte: Bom, eu estava aqui a ouvir a Marisa e o Pedro e a pensar que nós temos o problema por detrás da nossa identidade. Por um lado, comunicação. Comunicação é uma palavra comum. Possivelmente todos nós nos lembramos de alunos que chegaram à universidade e que escolheram Ciências da Comunicação a dizer, eu escolhi este curso porque gosto de comunicar. Portanto, é assim algo que parece natural, acessível, uma questão de característica, quase de personalidade, e isto sabemos que é uma atitude ingénua. Mas quando me perguntam o que é que eu ensino, eu reconheço que tenho alguma dificuldade em explicar o que é que eu ensino, se disser que eu ensino Ciências da Comunicação. Porque é algo que não está, isto também tem a ver com o facto da área ser relativamente nova, mas eu aqui associo tanto a novidade como a própria designação, assim abrangente, como um aspeto que a Marisa referiu. As Ciências Sociais e Humanas são vistas como secundárias em relação às Ciências da Vida, ou às Ciências Exatas, às ciências ligadas ao desenvolvimento tecnológico, enfim, há uma subestimação. Por exemplo, se nós virmos as páginas de ciência, ou as matérias de ciência que saem nos meios de comunicação social, ou mesmo o próprio programa, os "90 Segundos de Ciência", se nós considerarmos quantas vezes é que aparecem assuntos de ciência que não sejam das Ciências da Vida, ou das ciências, sobretudo das Ciências da Vida é o que eu encontro mais, ou do desenvolvimento ligado à tecnologia, nós encontramos muito poucas referências às Ciências Sociais e aos estudos que nós fazemos nomeadamente junto dos públicos, do que é que as pessoas fazem, como é que as pessoas vivem neste ambiente saturado de comunicação e de média. Eu acho que ajuda, talvez, a pensar, e concordo, quer dizer, é impossível isolar as Ciências da Comunicação de todo o quadro científico, não é? Inclusive, nós vemos, portanto, que

não é possível dizer isto, aqui começam as Ciências da Comunicação e aqui acabam, mas eu acho que é importante, talvez, ter presente um quadro que eu utilizo muito. Para pensar as questões da comunicação, que é um quadro que vem da própria sociologia e do sociólogo Norbert Elias, que defende que é impossível e que não existe a separação indivíduo-sociedade. E ele fala… Portanto, o conceito que ele trabalha é as configurações entre o indivíduo e o meio que o rodeia, e neste sentido o conceito que vem desta ideia de configuração social, no campo da comunicação, eu acho que é muito interessante para vermos, digamos, uma forma de operacionalização. E aqui nós vemos a ligação às áreas, a outras áreas do conhecimento. Por exemplo, no quadro das configurações comunicativas, os autores que têm trabalhado isso têm sido o Andreas Hepp e o Uwe Hasebrink, eles identificam a necessidade de, em qualquer situação de comunicação, seja ela a nível interpessoal, família, grupo de amigos, empresa, instituição, considerar quem são os atores que estão aí presentes, quais são os seus papéis, e aqui nós vemos muita ligação à sociologia, quais são as suas práticas de comunicação a nível da linguagem, da linguagem verbal, da linguagem não verbal, e aqui nós vemos todo um domínio ligado aos campos da linguística, e um outro aspecto que é em que quadro de valores é que assenta este domínio, e aqui nós vemos as relações com todo o trabalho relacionado com a cultura, com culturas profundas, com valores que estão por detrás e que estão ancorados e que são, muitas vezes, quase invisíveis de tal naturalizados que estão. Este quadro que se aplica a qualquer domínio, não de uma forma dogmática, mas com criatividade, relacionando este quadro de uma maneira bidirecional com o ambiente mediático. Há pouco, o Pedro falava muito da tecnologia, eu não posso estar mais de acordo, até porque é uma área onde eu tenho investigado muito, é exatamente a relação dos jovens com a tecnologia, e se pensarmos aqui neste quadro, na cultura juvenil, dentro deste quadro, dos atores, os jovens como atores, das suas relações entre si, as suas práticas de linguagem, tudo aquilo que marca esta fase da vida que é a adolescência e a juventude, relacionado com o que é que existe de oferta mediática, de incentivos por parte das plataformas, é que eles utilizam, que estejam, que explorem, que se identifiquem, que se revelem, e depois as consequências que isto tem a jusante… Nós vemos que há aqui um quadro muito rico e que convoca uma diversidade de áreas. Há uma área que ainda não falámos, mas é obviamente fundamental, que é a economia política, quer dizer, que está por trás de tudo isto, não é? Eu acho que o nosso desafio

talvez não seja falar, não sei, talvez seja conseguirmos, de uma forma acessível a um público não académico, mostrar a importância de pensar os fenómenos contemporâneos de um ponto de vista da comunicação, mas de uma forma que seja acessível, como eu disse, a públicos não académicos. Porque eu acho que é muito importante as publicações académicas, sem dúvida, mas se nós ficarmos só virados para dentro, nós não conseguimos mostrar a públicos que têm outras preocupações, porque é que é importante este conhecimento e porque é que este conhecimento deve estar presente nas políticas públicas que a Marisa também falava.

Madalena Oliveira: A Marisa trabalhou, ou trabalha ainda, muito ligada às questões da literacia, portanto é essa relação com os públicos, também é preciso uma literacia para entender as ciências da comunicação?

Marisa Mourão: Talvez seja necessária uma literacia para entender qualquer ciência, diria eu. As questões da literacia científica são relevantes em qualquer área, era importante era que toda a gente reconhecesse que, efetivamente, as Ciências da Comunicação são efetivamente uma ciência, porque provavelmente quando se fala em literacia científica também alguém irá pensar que não se enquadra aquilo que são as Ciências da Comunicação em particular e as Ciências Sociais de modo global. Portanto, acho que são duas questões, efetivamente é necessário uma literacia científica, mas é também necessária uma consciencialização pública para a importância daquilo que são as Ciências da Comunicação e essa consciencialização pública passa também pelo trabalho que nós possamos fazer junto das comunidades e acho que a questão é a mesma que a Cristina estava a falar antes, que é: nós temos que, efetivamente, transmitir… Eu não sei se na verdade a lógica será transmitir, acabei de usar essa palavra, mas creio que se calhar não é transmitir, será muito mais criar o conhecimento junto de ou com, porque, na verdade, nós não somos propriamente os donos da verdade e muito provavelmente, até, quando chegamos juntos das comunidades podemos perceber que efetivamente há alguns reajustes que nós podemos fazer no nosso trabalho para conseguir que o nosso contributo seja o mais benéfico possível e só aí efetivamente é que há um entendimento entre a comunidade e a academia.

Portanto, não creio que, apesar de nós podermos considerar que há alguma questão de consciencialização no quadro da literacia, acho que em primeiro nível será uma consciencialização pública e um conhecimento que terá, em primeiro lugar, de partir daquilo que nós fazemos.

Madalena Oliveira: A questão da transversalidade, da relação com as outras ciências, com outras áreas do conhecimento, esta necessidade de reconhecimento público ou, enfim, de algum modo, esta consciência de que a comunicação está presente na vida de todos e em várias dimensões da nossa vida, tem sido uma oportunidade ou um constrangimento quando se fala de financiamento? Pedro Jerónimo.

Pedro Jerónimo: Penso que foi a Cristina que falou em questão de um dos temas que é a economia, a Cristina que introduziu isso. Depois, claro, quando falou nisso pensei imediatamente nisso, que é um fator crítico. Quando pensamos em investigação, eu penso que é simultaneamente uma oportunidade e um constrangimento. Quando temos financiamento é naturalmente uma oportunidade e aquilo que nos colocam, ou que nos instigam, estou a pensar em concreto quando, até por ser uma realidade recente, embora admita que isso possa ser um tema mais adiante, é a questão do financiamento dos centros de investigação que foram recentemente avaliados… uma questão que nos colocam sempre é a diversidade de fontes de financiamento. Procurar referente as fontes, sendo que nós em Portugal, como sabemos, estamos muito dependentes da agora extinta FCT, nova AI2, que veremos o que será, mas o ponto é claramente, é um ponto crítico a questão do financiamento. É uma oportunidade, quando o temos, para poder avançar o conhecimento, quando não o temos é um constrangimento, ou quando levamos cortes de orçamento é um constrangimento, sobretudo porque a ciência não se faz sem pessoas. E, naturalmente, as pessoas não vivem… Naturalmente o ar é fundamental para a existência humana, mas não vivem só disso, o financiamento é fundamental. Portanto, eu diria que, se calhar, embora admitindo as duas afirmações, oportunidade e constrangimento, eu olhando para o contexto português, penso que tem sido mais um constrangimento do que uma oportunidade. Ainda que, e voltando um bocadinho atrás, a questão do crescimento rápido das Ciências da Comunicação em Portugal, que eu reconheço e acompanho

também esta ideia… O crescimento e a internacionalização daquilo que tem sido feito, eu recordo-me… Entrei no doutoramento, podemos dizer assim, a minha entrada na academia, também concordo com aquilo que a Cristina dizia há pouco. Eu acho que um dos elementos críticos aqui para o aumento dos doutoramentos foi a obrigatoriedade. Eu vi isso logo em 2009, 2010, quando entrei no doutoramento, a esmagadora maioria da turma serem colegas que já estavam como professores numa instituição em concreto e que foram obrigados a fazer o doutoramento, mas também trouxe aqui a oportunidade que eu acompanho, que tenho testemunhado, do crescimento rápido e também da internacionalização. Eu recordo-me que na época de 2009, 2010, aqueles primeiros anos de doutoramento, pensando em congressos internacionais e comparando com a realidade de agora, dos últimos anos, de facto vê-se mais presença de colegas de Portugal, ou vinculados a instituições portuguesas, a apresentarem trabalhos, estudos em alguns congressos de referência nas diferentes áreas das Ciências de Comunicação fora de Portugal e a estabelecerem redes com nomes importantes de investigação nessas áreas. Portanto, eu acho que, tendo presente as oportunidades e os constrangimentos, reforço esta ideia que têm sido se calhar mais os constrangimentos do que as oportunidades. Sendo que, estamos muito batidos nesta ideia de resiliência, acho que a comunidade científica das Ciências da Comunicação, em Portugal, tem tido a capacidade de se adaptar e de se reinventar, parecem muitos chavões, mas a verdade é esta, que se tem conseguido adaptar a estes sucessivos constrangimentos de financiamento, que é um ponto crítico no fazer ciência a partir de Portugal e em Portugal. E isso tem-se visto pelo que eu estou a dizer, tem crescido e tem tido a capacidade de se internacionalizar e de ser reconhecida pelos nossos pares fora. Portanto, o constrangimento do financiamento está, previsivelmente, manter-se-á, aliás, acho que é transversal ao longo dos anos, mas acho que tem havido essa capacidade de nos conseguirmos fazer com menos. É o caso, usando o caso da unidade de investigação onde estou, e claro, o LabCom que levou um corte de financiamento, é adaptar-nos a conseguirmos fazer bem aquilo que fazíamos, procurando outras fontes, mas continuar a fazer.

Madalena Oliveira: Financiamento é um tema sensível, o imperativo de publicação, a necessidade de se internacionalizar parecem muitas condições para se iniciar uma

carreira de investigação. Que condições é que encontram os investigadores desta área, Marisa, para se integrarem na academia e fazerem carreira a partir desta área?

Marisa Mourão: Bom, eu acho que as condições são tudo menos românticas, vamos dizer assim, mas acho que, apesar das condições menos românticas, será uma questão daquilo que os investigadores em início de carreira, como também os investigadores séniores, consideram que é relevante. E, efetivamente, apesar das condições nem sempre serem favoráveis, efetivamente, usando a palavra que o Pedro Jerónimo acabou de usar, nós temos sido muito resilientes. E acho que, no caso dos jovens investigadores, essa resiliência é especialmente importante, porque estamos, muitas vezes, entre aquilo que, efetivamente, é contabilizado e aquilo que nós, efetivamente, consideramos que é relevante. Porque, efetivamente, fala-se muito naquilo que é o impacto social, naquilo que é a extensão universitária, transferência de conhecimento, enfim. Mas, efetivamente, aquilo que tem contabilizado são aquilo que são os indicadores de publicação, são as citações e, portanto, na verdade, as condições que encontra quem começa a carreira é as condições de fazer aqui um cálculo permanente, não necessariamente orientado para aquilo que nós possamos considerar relevante. E eu creio que a maior questão aqui é que, para além deste cálculo permanente, para além desta necessidade constante, nós temos de considerar que, efetivamente, nós estamos numa fase em que a precariedade em si é uma realidade na investigação e na carreira docente e, portanto, é tudo menos romântica. Há aqui uma acumulação crescente de tarefas, quer seja jovem investigador ou sénior, que é constante. Portanto, as condições não são, efetivamente, as mais favoráveis, mas acho que é aqui uma questão de resiliência, de facto.

Madalena Oliveira: Que papel é que podem ter os centros de investigação nesta promoção de uma nova geração de investigadores, Cristina Ponte?

Cristina Ponte: Eu acho que podem ter um papel muito importante, e têm tido esse papel muito importante. Para já, nós temos vários centros de investigação em Portugal que foram avaliados, e é curioso que nesta avaliação entraram em conta vários fatores, foram avaliados por um painel internacional, que também teve em conta não só a parte,

digamos, de produção científica, mas também de ligação à sociedade, que é um aspeto que eu acho importante, e o reconhecimento também que suscitou os centros de investigação, têm no seu interior várias… Não só monolíticos. Eu falo pelo centro de investigação que coordenei durante os quatro anos, o ICNOVA, mas penso que também é a realidade dos outros centros de investigação. Nós temos uma componente muito forte das artes, que foi algo que ainda não falámos aqui, a ligação das Ciências da Comunicação com todo o domínio das artes, da criação artística, nas suas várias dimensões, temos comunicação estratégica também como uma área importante, talvez mais recente do que… no caso da NOVA, do que, nomeadamente, o caso da cultura e artes, mas, portanto, são espaços muito plurais, e o desafio que eu penso que os centros de investigação têm é o de serem capazes de, numa perspetiva de cruzamentos geracionais e de cruzamentos destes saberes de várias áreas, constituírem uma cultura, identificarem o que é que é essa cultura e o que é que liga nessa diversidade.

Eu penso que, falando pela experiência que nós tivemos no ICNOVA, foi muito desafiante a construção de um plano estratégico nesta base, identificar fora das áreas específicas o que era aquilo que nos unia, e depois ter políticas de apoio aos jovens investigadores, aos doutorandos, apoio financeiro, sempre que possível, mas também um apoio de reconhecimento do seu trabalho, com os devidos reconhecimentos da autoria, portanto, não trabalhar numa lógica de extrativismo de maneira nenhuma, e serem espaços onde as pessoas sintam que estão a progredir em conjunto e estão a construir esta cultura científica e de ligação à sociedade também. Isto parece muito bonito, muito fácil, mas nós sabemos que não é, porque o próprio ambiente universitário é um ambiente onde existe um grande individualismo, na questão das carreiras, da competitividade pela abertura de vagas, portanto, nós não podemos pensar que os centros de investigação vivem à parte de toda a competitividade do mundo académico. Mas eu penso que procurar contribuir, criar este ambiente de comunicação interna e de uma cultura interna que atravessa os vários temas de estudo é muito desafiante. E posso só referir, fizemos uma experiência, possivelmente noutros centros de investigação também fizeram, fazer um retiro juntando investigadores… juntando os investigadores e passar dois dias fora do nosso ambiente, a pensar quem somos, para onde vamos, a preferência num sítio que seja inspirador também, eu… foi muito importante para nós nos conhecermos melhor, também é um ponto relevante, e

identificarmos aquilo que nos une, aquilo que nos distingue, mas sobretudo aquilo que com várias gerações constitui o nosso núcleo central.

Madalena Oliveira: A questão da competitividade também é sensível quando falamos da legitimidade de área, quando falamos de algum modo de uma procura de financiamento que nos obriga a competirmos uns com os outros para perceber quem vai conseguir bons resultados. Não obstante isso, Pedro Jerónimo, é possível fazer trabalho colaborativo e que esse trabalho colaborativo também seja uma mais-valia para o fortalecimento da área, ou não?

Pedro Jerónimo: Essa pergunta foi dirigida para alguém que é, claramente, defensor do trabalho em rede. Aliás, desde o doutoramento, recordo-me desde o primeiro ano ter sido, e subscrevo inteiramente aquilo que a Cristina acabou de falar, também as palavras da Marisa, nas palavras de ambas, no fundo esta ideia romântica, mas necessária, de criar, através dos centros comunidade científica, mais do que sítios onde se contabilizam publicações e se submetem projetos, mas eu penso que o trabalho em rede é necessário e é fundamental, e eu dizia, esta partilha de conhecimento entre as diferentes gerações é... Eu pude experimentá-lo logo… tive essa sorte. No primeiro ano de doutoramento, num congresso, lá na Universidade do Porto, de uma colega, já sénior, desafiou-me a trabalhar numa rede, a incorporar numa rede que se mantém até hoje, maioritariamente, de colegas do território euro-americano, de diferentes países. Eu acho que isso é fundamental, pensando no contexto português, se calhar poderíamos eventualmente ver isso com mais dificuldade, eventualmente, porque somos um país pequeno, temos... Pensa no caso das Ciências da Comunicação, somos agora, pelo menos, se não me falha a memória, na última avaliação fomos cinco centros que têm a base das Ciências da Comunicação, outros centros naturalmente com essas linhas, mas que não são avaliados nesse painel, poderia eventualmente existir uma dificuldade em trabalhar, mas eu acho que isso é possível, daquilo que eu tenho testemunhado nestes anos todos, claro, muitas vezes por iniciativa, mais individual, ou seja, dos investigadores, que têm colegas com proximidade de interesse de investigação espalhados por outros… Ou seja, não há, eu diria, olhando para o contexto português, temos alguns centros que já têm uma trajetória de investigação em determinadas áreas,

que se distinguem por isso, mas não concentram a totalidade de todas as pessoas que se interessam pela área, portanto faz sentido trabalhar em rede. Eu acho, não resisto aqui, pegando aqui na questão que já foi falada, da tecnologia e da inteligência artificial, não resisto aqui de falar num exemplo recente, que correu bem, e que é um feliz exemplo de como trabalhar em rede, trabalhar com colegas de diferentes instituições em Portugal, diferentes unidades de investigação, com a investigação que teve impacto na definição de políticas públicas, foi o caso do estudo apresentado, vai fazer agora em dezembro, se não me engano, um ano, do *Livro Branco sobre a Inteligência Artificial no Jornalismo* que envolveu investigadores das quatro instituições que estão aqui representadas. Foi liderado pela Universidade Nova de Lisboa, teve colegas da UTAD, teve colegas do Minho, teve colegas da Universidade da Beira Interior, e não só, de outras unidades de investigação. É só um exemplo, e é recente, de como é possível trabalharmos temas pertinentes, e acho que faz sentido esse trabalho em rede, não só na questão da investigação, mas também pegando ali num ponto que a Marisa falou, que eu acho que teremos, enquanto comunidade científica das Ciências da Comunicação, se calhar, trabalhar melhor. Poderão alguns centros estar a trabalhar melhor isso do que outros, mas do ponto de vista de coletivo, e temos um coletivo, por exemplo, que se reúne… que temos um ponto agregador, que é a SOPCOM… que é, se calhar, precisamos de ter mais… estar mais presentes publicamente, comunicando de forma acessível a públicos não especializados como somos, na nossa, entre aspas, que é necessário publicar nas revistas, e tudo aquilo que é estrutura científica e realidade científica. Mas, por exemplo, artigos de opinião nos média, presença nos média, seja em que formato for, é uma das formas de estarmos mais presentes e comunicarmos, se calhar, aquilo que fazemos, e reforçarmos, não só dar visibilidade àquilo que fazemos, mas, sobretudo, reforçar a importância daquilo que está a ser estudado, e do quão isso importa para a comunidade.

Naturalmente, quando sai uma notícia, e a comunicação de ciência aqui é importante, já foi falado aqui numa iniciativa importante com é este podcast, podermos, na medida em que ele chega a mais pessoas, é uma forma de as manter ligadas à importância deste tema, já foi dado aqui um exemplo do “90 Segundos de Ciência”, é uma forma de saber o que se faz por esse país, mas em espaços, por exemplo, de debate, estou a recordar-me do “Sociedade Civil”, por exemplo, que é um programa que aborda uma diversidade

de temas, que é raro o tema em que não tenha lá alguém da academia. No fundo, a poder falar sobre aquilo que tem estado a ser investigado e da importância disso para a sociedade.

Naturalmente, tudo o que impacta a comunicação, eu acho que, se calhar, precisamos de estar mais presentes aí, não só reforçando esta ideia, se calhar, também ser interventivos. Estou a recordar de algo que vi muito de relance recentemente no Instagram, do, neste caso, uma universidade brasileira, que a comunidade é algo que impactava o jornalismo, aliás, uma questão que impactava diretamente os jornalistas, e os investigadores, os professores do ensino de jornalismo, juntaram-se e coletivamente tomaram uma posição pública. Se calhar, é uma forma também de fazer essa transferência de conhecimento e também de dizer ao público, olha, existe aqui um grupo de pessoas que a sua vida é investigar, refletir, discutir, analisar determinados temas relevantes e que impactam a tua vida, portanto, eu acho que estes caminhos podem ser explorados.

Cristina Ponte: Eu estava a ouvir o Pedro e estava a pensar exatamente nas oportunidades e nos desafios que é esta comunicação, como estava a ser aqui apontada, não é? Eu penso que os artigos de opinião sobre temas que estão na ordem do dia, não é, são uma oportunidade dos investigadores da área terem a possibilidade de ver os seus textos escolhidos e selecionados para aparecerem. Estou a pensar, por exemplo, na área da questão da tecnologia, das proibições, dos desafios da inteligência artificial, enfim, é um tema apetitoso, mas eu chamo também a atenção para, às vezes, um certo risco que há em certos programas onde somos convidados, mas, digamos, não negociamos as condições e depois a maneira como aparecem os nossos testemunhos aparece esvaziada do seu sentido e da sua relevância.

Madalena Oliveira: A questão da visibilidade, é, de facto, também uma questão relevante. No entanto, as funções de uma associação, de que falava há pouco o Pedro, não se restringem a esse lado interventivo do ponto de vista do público. Que outras funções é que podemos esperar de associações científicas como a SOPCOM? Marisa Mourão.

Marisa Mourão: Eu, se calhar, começo por uma questão que me é mais próxima, que é, precisamente, a questão dos jovens investigadores. E o caso da SOPCOM é paradigmático a este nível, porque, efetivamente, o GT de Jovens Investigadores, nesse aspeto, é bastante dinâmico. Portanto, acho que, em primeiro lugar, é que um papel de criação de comunidade, também, de permitir um processo de mentoria, mas também um processo de diálogo entre pares e de criação de redes de contactos para jovens investigadores. E depois, eu diria que é aqui um espaço de partilha, independentemente de ser o GT de Jovens Investigadores ou outro grupo de trabalho. Portanto, uma associação científica tem que ser algo que permita a ciência ser mais do que um investigador, porque, efetivamente, a ciência não pode ser feita por investigadores ou instituições isoladas, e o papel de uma associação científica tem que ser, também, este de criar a comunidade, criar um espaço de partilha, uma rede de colaboração, enfim, mas também o de dar voz. E a verdade é que, neste aspeto, junto de instituições públicas, há aqui uma ligeira fragilidade daquilo que é a capacidade da comunidade das ciências da comunicação se fazer ouvir junto de instituições de financiamento. Portanto, será também esse o papel daquilo que é uma associação científica, mas, em primeiro nível, será sempre este de reunir a comunidade e criar uma espécie de coesão, apesar de os nossos domínios serem sempre muito distintos, mesmo no quadro daquilo que são as ciências da comunicação.

Madalena Oliveira: Nós aproximámo-nos do tempo limite deste podcast. Uma última questão que penso que poderemos estender aos três intervenientes. Que desafios é que devemos colocar no topo da agenda das Ciências da Comunicação, enquanto espaço de trabalho académico? Pedro Jerónimo.

Pedro Jerónimo: Desafios. E, sendo mais específico, no topo da agenda. Eu acho que teria que voltar atrás a um pequeno ponto crítico, porque ele acaba por impactar todas as outras coisas de que já falámos, questão de carreiras, de estabilização, de gestão. Lá está aquilo que a Cristina falava da economia. É o financiamento. E, sobretudo... Ok, mas o financiamento é um pouco vago. Eu acho que precisamos de... Porque aquilo que temos vivido tem sido interrupções abruptas. Falando designadamente do nosso principal... Aquilo que tem sido o principal financiador da ciência em Portugal, a FCT. As

políticas de financiamento que, no fundo, têm sido interrompidas de forma abrupta. Às vezes, para se ver um financiamento anual que, depois mudou o governo, e é interrompido. Nós somos desafiados, enquanto comunidade das Ciências da Comunicação, a estudar fenómenos que têm impactos no contínuo. Em permanência. Mas, depois, aquilo que é mobilizador do nosso trabalho, que determina o funcionamento de centros de investigação... Os materiais que têm, sobretudo os recursos humanos que pode ter. Naturalmente, que podem investigar ou não. Eu acho que precisamos de estabilidade no plano de financiamento que temos de base. No fundo, para que os centros... Pegando as palavras que a Marisa referiu, para os centros de investigação serem lugares de encontro e de agregação de investigadores. De terem uma base de trabalho. Tenham esse plano - três anos, cinco anos, o período que for. Mas saber que, durante aquele período, têm aquele financiamento. E não acontecer aquilo que tem acontecido. Ainda que eu tenha muito menos tempo do que a Cristina na academia. Mas já lá vão uns 17 anos e pude assistir a vários sobressaltos nisto que estava a referir. Portanto, eu diria que, no topo, seria poder haver uma estabilidade nas políticas e no planeamento de financiamento de ciência Portugal.

Madalena Oliveira: Cristina Ponte, de que é que precisamos para os próximos 25 anos?

Cristina Ponte: Bom, as nuvens são um bocadinho negras, não é? Pronto, e cá voltamos à economia política, não é? A economia política dos médias, a economia e as tendências de orientação ideológica neoliberais e, por outro lado, os nacionalismos. Estamos a viver um tempo que, se calhar, remontando ao início do CECS, em 2001, estávamos todos muito longe de imaginar que íamos viver estes tempos que estamos a viver atuais e que trazem muitas nuvens negras.

O mundo está extremamente complexo. Estamos a assistir, como digo, a fenómenos que são novos, que são desafiantes. Eu acho que, para nós conseguirmos ser capazes de dar resposta, é muito importante uma palavra que ainda não surgiu aqui, mas não surgiu aqui por acaso, a multidisciplinaridade. Sermos capazes de trabalhar com outros e construir uma base, aquilo que o Pedro falava, a importância das redes. As redes são espaços onde podem trabalhar pessoas desde as ciências cognitivas, que é uma área importantíssima hoje em dia, as questões do... os estudos dos média, a informática, a

computação. Há toda uma diversidade de áreas que nós não conseguimos, e nem é desejável, termos uma visão imperialista de que vamos ser autossuficientes para conduzir e para gerar conhecimento nesta área. Mas eu acho que, em termos temáticos, concordo com tudo aquilo que foi dito em relação à precariedade da carreira, mas do ponto de vista, digamos, de precariedade de carreira, dificuldades de financiamento das instituições, tudo aquilo que o Pedro e a Marisa apontaram, eu já estou numa situação de aposentada desde o ano passado, e, portanto, essa questão, se for sensível a ela, sem dúvida… Vejo os meus colegas, os jovens e docentes que estão no início e no meio da carreira a terem esses constrangimentos, mas de um ponto de vista de tema, eu acho que um tema que nos interpela a todos e desta maneira multidisciplinar é mesmo as questões de como a tecnologia e o humano se estão a relacionar e se estão a gerar formas de inteligência artificial, tanto a generativa como a que a antecedeu, mas que assenta tanto na questão das associações por algoritmos. Mas, portanto, eu acho que este ambiente de ligação entre o humano e a máquina, a vigilância, as sociedades de vigilância, os ambientes todos de controlo, são temas que me parecem muito pertinentes e muito urgentes para nós pensarmos neles e pensarmos naquilo que a Marisa e que foi várias vezes referida aqui ao longo deste debate, a importância de termos literacias, literacias para essas áreas e também uma intervenção política que reclame da parte das empresas tecnológicas que exista uma regulamentação e condicionamento, que não seja tudo apenas regido pelo lucro e pela concorrência entre as *big five*.

Madalena Oliveira: Do ponto de vista das motivações, o que é que ainda pode mobilizar os mais novos? Marisa Mourão.

Marisa Mourão: Eu acho que a mobilização só pode acontecer se nós continuarmos a acreditar que fazemos alguma coisa relevante. E, se calhar, para podermos ter essa motivação, ligam-se as questões que o Pedro e a Cristina estavam a falar, porque, efetivamente, existem temas que nos parecem relevantes, mas que sem financiamento eles não são possíveis. E a questão, eu diria que até ainda é maior do que essa, que é as nossas agendas, por norma, não são definidas por aquilo que nós consideramos relevantes. As nossas agendas são, muitas vezes, definidas por aquilo que nos parece

que é, no fundo, o negócio certo. Porque é também uma questão de o que é que nos poderá aqui favorecer. Portanto, a partir do momento em que as agendas não são definidas por nós, há, naturalmente, o risco de uniformização temática, menor atenção a problemas locais que nos podem parecer mais relevantes e, também, aquilo que é a redução da investigação a longo prazo. Portanto, a motivação, eu acho que depende sempre de nós acharmos que, efetivamente, estamos a fazer algo que é aquilo que nos satisfaz, mas também em prol de alguma coisa, porque acredito que, efetivamente, quem se dedica à nossa atividade o faz com esse objetivo. E, a partir do momento em que vamos tendo essa motivação, vamos sendo resilientes, porque apenas será isso possível, porque as condições não são as melhores, mas com essa motivação, talvez seja mais ou menos suficiente.

Madalena Oliveira: Cristina Ponte, Pedro Jerónimo e Marisa Mourão, muito obrigada pela participação neste debate. Três percursos, três olhares diferentes, mas convergentes sobre uma área que talvez seja hoje mais indispensável do que nunca. Falámos de tensões, lutas por reconhecimento, da amplitude e da transversalidade de um campo que é, sobretudo, um encontro de várias disciplinas. Nesta edição do podcast Estados do Tempo, pusemos em perspetiva o percurso das Ciências da Comunicação em Portugal, num momento particularmente simbólico para o CECS, que assinala, em 2026, 25 anos.

[música]

Luís Pinto: Foi o episódio 13 do Estados do Tempo, um podcast do BIP, o Barómetro para a Qualidade da Informação, e do Communitas, que assinala também os 25 anos do Centro de Estudos de Comunicação em Sociedade. A gravação, edição e pós-produção estiveram a cargo de Pedro Gaspar, a moderação foi de Madalena Oliveira, que desta vez juntou em estúdio Cristina Ponte, Pedro Jerónimo e Marisa Mourão. A curadoria de Tiago Estevão, a produção de Luís Loureiro e a apresentação de Luís Pinto. Obrigado pela sua escuta. No próximo mês contamos consigo em mais uma edição de Estados do Tempo.

[música de encerramento]